

A Fronteira entre o Educar e o Psicanalisar: Considerações entre psicanálise e educação

The Border between Educating and Psychoanalyzing: Considerations between psychoanalysis and education

Alessandra Lopes da Silva Macedo
Regina Celia Mendes Senatore

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar fronteira entre o educar e o psicanalisar na obra freudiana. Nesta esteira aponta-se as profissões impossíveis, principalmente por considerarmos a escola um campo de cultura e ensinamento, permeado pela interação e pela linguagem, o que nos faz inferir que em se tratando das profissões mediatizadas pela palavra não teremos o alcance da fala direcionada ao outro. Nesta via, propomos uma reflexão sobre o desejo de Freud por uma educação que passasse por uma orientação psicanalítica, sendo que para o autor esta seria a medida necessária para o alcance de uma sociedade distinta e métodos educativos com fins sublimatórios.

Palavras-chave: Educação; Psicanálise; Orientação; Impossibilidade

Abstract: This article aims to establish the boundary between educating and psychoanalyzing in Freud's work. In this treadmill, the impossible professions are pointed out, mainly because we consider the school a field of culture and teaching, permeated by interaction and language, which makes us infer that, in the case of professions mediated by the word, we will not have the reach of speech directed to the other. In this way, we propose a reflection on Freud's desire for an education that passed through a psychoanalytical orientation, and for the author this would be the necessary measure to reach a distinct society and educational methods with sublimatory purposes.

Keywords: Education; Psychoanalysis; Guidance; Impossibility

Introdução

Este artigo é parte da dissertação de mestrado “A educação de Freud e a educação em Freud: um diálogo”, apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA da Universidade Federal do Espírito Santo. A proposta da dissertação foi investigar como a educação aparece no discurso freudiano e, neste percurso, fomos levados à fronteira entre o educar e o psicanalisar. Entende-se que este é um passo importante para acentuar como a educação aparece no pensamento freudiano”. Nesta via, podemos visualizar o lugar do impossível na obra de Freud e de como esta impossibilidade está entrelaçada aos propósitos pedagógicos que priorizam métodos e práticas atravessadas pela pedagogia tradicional.



Nesse sentido, a impossibilidade que Freud nos apresenta com suas teorizações nos permite inferir que a educação escolar por mais que se esforce não terá a totalidade e êxitos em seus propósitos. Entra neste processo o inconsciente que distancia sua realidade daquilo que acredita a consciência. Por isso, Freud irá acentuar que a educação que insiste em conservar a linearidade do processo de ensino navega por mares inavergáveis.

Da “Educação Impossível”

Ao prefaciá-lo livro “*Educação Impossível*” Maud Mannoni (1977) relata sua experiência e aproximação com os sujeitos considerados anormais. Um trabalho em que a autora pontua como a prática desenvolvida em Bonneuil a fez transitar entre as potencialidades e limites de uma aplicabilidade da psicanálise à educação, e por isso a autora nos demonstra como transpor os muros da instituição, reiterando que “a psicanálise institucionalizada, em suas aplicações deformadoras, reforça o caráter conservador e autoriza a perpetuação da ordem institucional” (MANNONI, 1977, p.13).

As declarações contidas na referida obra nos fazem pensar na potência de uma “pedagogia que oscila entre as ideais de liberdade herdados do século XIX e os princípios de disciplina decorrentes da tradição religiosa” na destruição da capacidade criativa dos seus educandos (MANNONI, 1977, p.25). A autora faz referência ao sistema educacional na França ao render críticas à educação especial e, alerta para uma postura educativa, que diante do diagnóstico evoca discursos que eliciam as expressões do impossível¹.

O estudo de Mannoni também nos leva à fronteira entre o educar e o psicanalisar quando problematiza as práticas psiquiátricas e pedagógicas movidas por um discurso coletivo que na concepção da autora simbolizam uma educação idealizada, mas que não se exime de provocar prejuízos na vida do sujeito (MANNONI, 1977).

Segundo Mannoni (1977, p.28)

¹ O impossível utilizado no sentido em que se aproxima das concepções freudianas quando declara ser a educação um ofício impossível junto de governar e curar (FREUD, 1925; FREUD, 1937).



Renunciar à obediência seria, portanto, renunciar à vida. Uma moral “terrorista” serve de fundamento ao que se oferece aos pais, educadores e médicos como método científico. Esse terrorismo pedagógico participava, por um lado, na situação paranoica da época; nesta medida, o Dr. Schereber apenas sistematizou o que já fazia parte do espírito do tempo. Por outro lado, o mesmo zelo posto na elaboração de um corpo de doutrina médico-pedagógica permitiu-lhe construir uma armadura de proteção contra a dúvida (e o risco de descompensação psicótica).

Isto posto, não é difícil concluir que a educação com suas práticas ortopédicas², carrega em si uma quota de impossibilidade. O roteirista John Hughes fez questão de encenar um contexto escolar povoado por estereótipos, quando nos envolve com a singularidade de cada personagem e aponta o quanto as situações conflituosas instituem o sujeito e o coletivo. No filme “O clube dos cinco”, dirigido por John Hughes, cuja estreia se deu no ano de 1985, a instituição escolar aparece como mais uma forma coercitiva que a civilização impõe àqueles que de alguma infringem às normas estabelecidas.

Interessante pontuarmos que o grupo de alunos era composto por um *marginal, uma patricinha, um nerd, uma esquisita e um atleta* que se enroscam num engajamento íntimo, e, termina por desconstruir a ordem social, se libertando das amarras culturais. Por coincidência, ou não, as personas dos alunos aparecem numa pluralidade e o professor num único modelo: o rígido. Uma trama cinematográfica, em que a ação da fala emana toda a dialética do despertar, abrindo novos horizontes e fazendo incisões com as máscaras que impedem o nosso relacionamento com o diferente.

Prerrogativas que nos aproximam do pensamento de Dunker (2020, p. 58) quando diz que:

Agora estamos prontos para exercer o poder que um dia foi exercido sobre nós, cuidar dos nossos filhos, educar nossos alunos, governar nossos pares. Mas essa não é uma relação de superação em etapas, pois na verdade o bom governante é aquele que soube criar um regime de cuidado de si, e não de controle coerção ou violência. [...] aquele que se oprime, se disciplina e se priva sob uma relação de forçamento violento

² Para Cabral () o início da prática psicopedagogia no Brasil foi baseada na segregação do normal e anormal, em que o trabalho da psicologia era centrado na classificação e no ajustamento dos alunos com deficiência e com dificuldades escolares à escola.



sobre si mesmo, tenderá a reproduzir isso em sua forma de governar.

Em Freud (1914) percebemos o quanto o autor estima por uma educação que tivesse como bússola as orientações psicanalíticas, principalmente quando defende a ideia de que um esquecimento do período infantil impossibilita o adulto gerar uma educação que alcançasse a essência investigativa da criança. A esperança de uma educação que tivesse como base para suas reflexões, os preceitos psicanalíticos aparecem na obra de Freud (1914, p.158) quando menciona que somente quando os educadores forem psicanaliticamente conduzidos poderão ter um entendimento mais amplo de [...] “certas fases do desenvolvimento infantil” e não subestimarão os atos pulsionais, socialmente repreensíveis, praticados pelas crianças.

Vejamos como Freud (1914, p.133) explica tal afirmação:

[...] Quando aprenderem que esforços desse tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa, tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças. A supressão forçada de fortes instintos por meios de externos nunca produz, numa criança, o efeito desses instintos se extinguirem ou ficarem sob controle; conduz à repressão, que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro. A psicanálise tem frequentes oportunidades de observar o papel desempenhado pela severidade inoportuna e sem discernimento da educação na produção de neuroses, ou o preço, em perda de eficiência e capacidade de prazer, que tem de ser pago pela normalidade na qual o educador insiste. E a psicanálise pode também demonstrar que preciosas contribuições para a formação do caráter são realizadas por esses instintos sociais e perversos na criança, se não forem submetidos à repressão, e sim desviados de seus objetivos originais para outros mais valiosos, através do processo conhecido como ‘sublimação’.

Contudo, o saber construído mediante a opressão revigora uma prática repetitiva, ou que promove a reversão: “*irei criar os meus filhos, igual eu fui criada*” “*quando eu for professora, serei igual à professora fulana*” (grifos próprios). Discursos, que na maioria das vezes, cristalizados, se instauram no contexto educativo e faz com que a prática, inclusive a pedagógica siga produzindo sujeitos à imagem e semelhança (LAJONQUIÉRE, 2002; DUNKER, 2020).



Nesta perspectiva, o adulto envolvido em sua própria trama constitutiva enfrenta e se inquieta com os paradoxos que o cercam, o ideal narcísico o impossibilita de ler a letra³ da liberdade instintual tolhida e se embaraça nas suas pretensões, já que adestramento é concebível até certo ponto. Neste caso, Lajonquière (2002, p.138)) irá dizer que “a intervenção do adulto é capaz de moldar ou escrever sobre o caráter infantil”, em uma proporção que aniquila a impetuosidade da natureza instintual.

Questões instigantes para pensarmos a educação contemporânea que apregoa a inclusão, mas os alcances e fronteiras dessa interligação, ainda se apresentam com um nevoeiro. Isso nos remete ao momento em que Freud (1925, p. 313) prefacia a obra de August Aichhorn, professor primário que se dedicara à pedagogia, mais notadamente aos casos de delinquência infantil e juvenil, declara que:

Nenhuma das aplicações excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego a teoria e prática da educação. É fácil compreender por que, de vez as crianças se tornaram o tema principal da pesquisa psicanalítica e substituíram, assim em importância, os neuróticos com os quais ela iniciou seus estudos.

Visto isso, podemos dizer que o processo de análise demonstrou ao autor como o infantil permanece incessante, conduzindo a vida do ser humano de forma inconsciente. Justamente, por ser o desenvolvimento infantil tão importante para uma maturidade saudável, Freud (1933) acredita que a educação para obter êxito poderia dosar as suas ações. Não obstante, inclui a educação na lista das profissões impossíveis, mas não deixa de reconhecer a importância do trabalho daqueles que se ocupam desta tarefa.

Voltolini (2011, p.61) contribui quando diz que:

Freud caminhou por muito tempo sobrepondo os registros do analisar e educar. A ilustração mais evidente disso é que lhe ocorreu definir, de um lado os fins da análise como pós-educativos; de outro, a educação como profilática e, portanto, com fins médicos.

³ Ravizzini (2020) discorre sobre o tema da letra na leitura lacaniana e seu uso na constituição do ser de fala, explicitando um lugar para o sujeito, bem como para o vazio existencial que o atravessa.



Na concepção freudiana a cura para as vicissitudes educacionais estavam diretamente ligadas ao poder do trabalho analítico, principalmente porque existe um desafio entre o tempo da criança e o tempo do adulto. A herança narcísica delega ao recém-chegado, o bebê, um lugar de majestade e, ao ser entronado, automaticamente uma projeção lhe é confiada: atender aos desejos parentais (DUNKER, 2020).

O que nos leva a interrogar: afinal, qual a real contribuição psicanalítica para o campo da educação? Pois bem, não se pode esperar que a psicanálise irá oferecer um livro de receitas sobre a aplicabilidade desta à educação. Em tempo algum, desde sua criação, a psicanálise se interessou em dar respostas, ao contrário, ela se fez na prática, se centrou no questionamento, no movimento, na repetição e na elaboração. A única certeza que Freud (1925, p.314) nos deixa é que:

A psicanálise pode ser convocada pela educação como meio veicular de lidar com uma criança, porém não constitui um substituto apropriado para a educação. Tal substituição não só é impossível em fundamentos práticos, como também deve ser desaconselhada por razões teóricas.

Ainda, Freud nos deixa duas lições: atribui que as recomendações feitas ao analista também se aplicam ao educador: a instrução teórica e análise pessoal. E a segunda admite a importância *sui generis* da educação (FREUD, 1925). Na XXXIV - *Novas Conferências Introdutórias*, encontram-se formulações freudianas direcionadas à educação escolar. Percebe-se que em nenhum outro texto o autor se mostra tão diretivo, tanto que sua posição nos parece paradoxal, pois ao mesmo tempo que condena a repressão dos instintos pulsionais na primeira infância, interroga o quanto o educador suportaria se o corpo pulsional houvesse uma total liberdade.

No entanto, Freud (1933, p. 154) sinaliza que a tarefa de mestres e educadores deveriam estar direcionadas a um trabalho diversificado:

E, ademais, devemos levar em conta o fato de que os objetos de nossa influência educacional têm disposições constitucionais inatas muito diferentes, de modo que é quase impossível que o mesmo método educativo possa ser uniformemente bom para todas as crianças. Uma simples



reflexão nos diz que até agora a educação cumpriu muito mal sua tarefa e causou às crianças grandes prejuízos.

Para o autor qualquer meio educativo que age de forma tendenciosa a elevar sempre em primeiro plano o controle instintual, é falho e passível de potencializar doenças futuras em seus educandos. Mais ainda, reconhece que abdicar inteiramente dessa repressão instalaria a impossibilidade de convivência entre os cuidadores e a criança (FREUD, 1933). Desse modo ao discorrer sobre a possível proximidade da psicanálise no processo educativo e revelar a fronteira tênue que as separa, Freud (1933) se reserva, e de maneira cautelosa, analisa a pertinência da aplicabilidade da psicanálise em um campo ao qual ele demonstra que teve grande interesse, investiu pouco, mas se compraz com a dedicação que a filha Anna Freud teve pela educação.

Mesmo de face ao impossível, a esperança de Freud (1933) era que uma educação psicanaliticamente conduzida, não para oferecer-lhes um manual instrutivo, e sim para levantar questões e entender que, o que se apresenta como desordem, encerra a potencialidade da dialética. Se valendo de uma metáfora compara a educação psicanaliticamente dirigida ao uso da vacina contra a sífilis que imuniza as crianças de doenças futuras.

Entende-se que para o autor somente por intermédio da educação seria possível alçar uma constituição de sociedade distinta, menos repressiva e menos produtora de neurose. Nesta via, podemos dizer que o autor se atentava às gerações vindouras, por isso em Freud (1933, p.158) temos que:

A menos que o problema seja inteiramente insolúvel, deve-se descobrir um ponto ótimo que possibilite à educação atingir o máximo com o mínimo de dano. Será, portanto, uma questão de decidir quanto proibir, em que hora e por que meios. [...] Se ela descobrir o ponto ótimo e executar suas tarefas de maneira ideal, ela pode esperar eliminar um dos fatores da etiologia do adoecer - a influência dos traumas acidentais da infância.

Percebe-se que o desejo de Freud está claramente interposto, isto se justifica, inclusive pela preocupação que o autor direcionava à natureza opressora da educação, que ao longo da história legalizou em seu cotidiano ações que envolvem inibir, proibir e suprimir. Para ele qualquer ação

pedagógica pautada na proibição excessiva estaria a transitar “entre o Sila da não- interferência e o Caríbdis da frustração” (FREUD, 1933, p.158).

Ao fazer alusão aos mitos de Sila e Caríbdis, dois monstros marítimos da mitologia que teriam habitado em lados contrários, mas que ofereciam grande perigo aos navegadores, Freud (1933) de maneira enigmática, nos leva a inferir o quão desafiante é a arte de educar. A referência aos monstros marítimos é percebida em três momentos de sua obra, sem muito detalhamento. Porém, em uma das passagens explicita a “Sila de subestimar a importância do inconsciente reprimido e o Caríbdis de julgar o normal inteiramente pelos padrões do patológico” (FREUD, 1921, p.87).

Mas então, de que impossibilidade Freud fala quando se refere aos ofícios impossíveis? Se o êxito das atividades educacionais estaria condicionado à justa medida de toda sua operação?

Em *Análise Terminável e Interminável*, o autor volta a fazer menção do impossível, e, nossa leitura acerca do que diz respeito à educação é esclarecida quando lançamos a ideia de que a impossibilidade não poderia ser confundida com falta de comprometimento. Isso quer dizer que assim como Governar e Psicanalisar, a Educação também se trata de um ofício que dificilmente teria o total controle de suas ações (FREUD, 1937). Nota-se que Freud propõe uma discussão sobre a eficácia da análise, mas ao fazer alusão às profissões do impossível o autor diz: [...] “às quais de antemão se pode estar seguro de chegar resultados insatisfatórios” (FREUD, 1937, p.256).

Dunker (2020, p. 61) pontuará que:

Por isso a cada impasse no tempo da educação é preciso reconstruir o tempo do cuidado, por meio de um giro na escuta. Por isso, o cuidado não é um discurso em si, mas um ensaio e uma condição para todo discurso possível. Por isso também, diante dos paradoxos do governar e educar devemos recuar nossa escuta para o tempo do cuidado.

Pereira (2013) irá entender que é impossível um ato de educar pautado numa linearidade dos comportamentos dos profissionais, uma vez que considera que se somos regidos por uma instância inconsciente, não teremos como prever e justificar todos os nossos resultados. Cabe enfatizar, que esta justificativa não atesta que o professor esteja incapacitado de realizar sua



profissão, mas há de fazê-lo refletir que por mais que se esforce, não terá controle absoluto de todo o processo educativo, e dificilmente conseguirá angariar a maestria que permeia o desejo narcísico. Direcionar ao outro o nosso falar nos coloca diante do inesperado, do imprevisível, o que não nos autoriza de antemão calcular seus efeitos sobre o ouvinte (PEREIRA, 2013).

Kupfer (1989, p.58) nos alerta que:

O que não pode ser esquecido é a ideia de que tais forças, presentes no interior do psiquismo, escapam ao controle dos seres humanos e, portanto, ao controle do educador. Por que não dizer então que a tarefa de educar se vê apenas dificultada pela ação do inconsciente? Por que Freud julgou necessário ir além, afirmando que a Educação, bem como a Política e a Psicanálise, são tarefas impossíveis?

Ora, as três profissões impossíveis nos colocam num embate com o desejo do outro e por essa via nunca saberemos qual a incidência do outro sobre nós. A educação posta neste patamar passa a ser percebida como um ofício mediado pela interação e pela linguagem. A enunciação poderá seguir uma via de mão dupla, pois há algo que é professado à revelia do indivíduo, mas influi na comunicação com o outro e é [...] “ponto decisivo na questão educativa”. (VOLTOLINI, 2011, p.36).

A falta de controle não se aplica a questões de acertos e erros, nem tampouco poderá ser subjugada à competência laboral dos personagens em questão.

Nesse caso, Kupfer (1989, p. 59) sintetiza da seguinte forma:

Impossível não é sinônimo de irrealizável, mas indica principalmente a ideia de algo que não pode ser jamais integralmente alcançado: o domínio, a direção e o controle que estão na base de qualquer sistema pedagógico. A viagem ao país das formulações de Freud termina aqui, com uma conclusão, ao que tudo indica, decepcionante: a Psicanálise não serve como fundamento para uma pedagogia; não pode servir como princípio organizador de um sistema ou de uma metodologia educacional.

Afinal, o sistema pedagógico é sustentado por uma estrutura que esteja calcada no ato de dominar, controlar e direcionar a prática educativa. Para isso, realmente a psicanálise tem pouco a contribuir. O sujeito que a psicanálise se refere é um sujeito que não se encontra em sua verdade e para tanto, não



existe parâmetros. O fazer psicanalítico está nas sutilezas entre a verdade e o saber, e nesta intersecção encontrará orientação que revigore o sentido de sua existência.

Ao considerar que a educação é uma profissão impossível, a psicanálise freudiana legitima a ideia de que a pedagogia se engana em acreditar que é possível estabelecer um modo consciente, exitoso e definitivo para as práticas educativas. Se não somos donos do nosso próprio terreno (FREUD, 1917), como poderemos calcular e ter previsibilidade dos efeitos do nosso agir sobre o educando?

Segundo Voltolini (2011) ao longo dos séculos a pedagogia tem se ocupado em discutir meios que fossem capazes de resolver os dilemas que afligem os profissionais da área no que diz respeito à finalidade da educação e, no entanto, continuamos sem êxito. Entender o mal-estar gerado no ambiente escolar torna-se o principal motivo para que a psicanálise habite os interesses e as reflexões educacionais e pedagógicas e, de fato faça com que a educação escolar chegue ao divã.

Voltolini (2011, p.60) vai nos esclarecer que:

Para compreender a relação da psicanálise com a educação é importante abordar a torção que este último termo sofre com o avanço da teoria, deslocando o foco de “educação” para “educar”. Mudança talvez sutil para alguns, mas de consequências teóricas e práticas fundamentais.

Ao considerarmos que o não-aprender, o não parar quieto pode significar uma resposta para além do que o processo educativo propõe, a perspectiva de um enlace entre a psicanálise e o campo da educação pedagógica ganhará forma e resultará numa missão profilática dos impasses educacionais, como cogitava Freud. Nota-se que bem próximo ao final da sua vida, encontramos nas orientações de Freud (1933, p.158) aquilo que julgamos ser a chave que encerra todo o seu pensamento acerca da aplicação da psicanálise à educação, quando este diz:

Se considerarmos agora os difíceis problemas com que se defronta o educador - como ele tem de reconhecer a individualidade constitucional da criança, de inferir, a partir de pequenos indícios, o que é que está se passando na mente



imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade -, haveremos de dizer a nós mesmos que a única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica. Seria melhor que o educador tivesse sido, ele próprio, analisado, de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente. A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática.

O que se espera é que executando suas tarefas os educadores possam optar por quanto proibir, por quais meios proibir e que as medidas educativas sejam capazes de evitar o enclausuramento da intelectualidade e a aparição de doenças futuras. Millot (1987) nos inspira a considerar que a inibição do pensamento que se impõe às crianças pelos educadores, só contribui para a repressão da sexualidade e submissão moral. Além disso, Mannoni (1977, p.44), nos aponta para a hipótese de que toda tentativa de educar estará sempre motivada por um ideal de origem narcísica, ou em outras palavras, a pensar que “um ideal sempre se organiza em torno de uma carência”.

A resposta, para cada questão irá depender da singularidade, da organização psíquica de cada criança, de cada ser-humano, de cada sujeito. Por isso, Freud (1933) é enfático em dizer que a orientação do adulto por via da psicanálise surtiria mais efeito do que o tratamento das crianças. Vemos que a investigação que teria como fim a descoberta da causa da neurose, o autor se dispôs a observar as crianças e no agito dessas águas turbulentas, não deixou de indagar saberes estabelecidos e abrir precedentes para se pensar numa educação pedagógica.

Quando Freud (1914) publica “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar”, relembra a influência exercida pela escola aos educandos, tanto que ao ser convocado a produzir uma redação escolar às vésperas do seu sexagenário aniversário, não hesita. Nesta recordação, o que lhe causa um estranhamento é o fato de que mesmo com o passar do tempo, a obediência em relação aos mandatos escolares, se mantiveram. O autor afiança que os professores comparecem como sucessores de nossas imagos parentais, e por isso, sentimentos afetuosos ou hostis serão aflorados nesta relação.



Freud (1914, p.258) entende que esses encontros são marcados pela ambivalência cuja matriz é adquirida em nossas próprias famílias.

É nessa fase do desenvolvimento de um jovem que ele entra em contato com os professores, de maneira que agora podemos entender a nossa relação com eles. Estes homens, nem todos os pais na realidade, tornaram-se nossos pais substitutos. Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa.

134

Um fragmento que nos permite visualizar o quanto a escola é importante para a constituição subjetiva. Muito embora, Freud fosse levado a denunciar as práticas coercitivas da educação, o entusiasmo e vislumbre pelos professores faz com que ele peça uma pausa. E diga: - “no jubileu de nossa escola, é aos professores que nossos pensamentos devem ser dirigidos” (FREUD, 1914, p.258).

Percebe-se a grandeza atribuída ao professor. A ponto de dizer que fica uma incógnita sobre a questão: o que nos influenciou mais durante a vida estudantil, os conteúdos científicos ou a própria figura do mestre?

É sobre esta questão que a escola deverá se atentar ao recepcionar esse novo ser e transferir-lhe um legado cultural. Na dinâmica psíquica descrita por Freud, a escola opera como um instrumento capaz de direcionar o sujeito diante da perda de amor. Nesse sentido, o sujeito precisará passar por rearranjos e se fixar em novos objetos que o faça suportar o vazio provocado pelo desamparo. A escola necessita ocupar esse lugar capaz de promover esse rearranjo da motilidade psíquica, de modo que atenda às aspirações de Freud (1910, p.245) quando diz:

[...] A escola secundária toma o lugar dos traumas com que outros adolescentes se defrontam em outras condições de vida. Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia oferecer-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família.



A escola não apenas será um lugar de transmissão de conteúdo. Na concepção freudiana ela se torna o ambiente que irá prosseguir com a inserção do sujeito num campo social, cultural e mais, em se tratando dos aspectos emocionais, a escola então, seria um instrumento em que o ego se apoiará para suportar o desligamento com a família até investir em novas figuras de amor.

Para Freud (1910, p.245):

A escola nunca deve esquecer que ela tem de lidar com indivíduos imaturos a quem não pode ser negado o direito de se demorarem em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis. A escola não pode adjudicar-se o caráter de vida: ela não deve pretender ser mais do que uma maneira de vida.

A pretensão pedagógica que aposta na garantia de sujeitos felizes, capazes de interferir de maneira crítica na realidade, desde que siga fielmente todos os passos do controle de qualidade, nos aponta para o que Mannoni (1977, p. 30) chamará de “perversão da demanda de amor”.

Para Lajonquière (2002, p. 188)

[...] o ato educativo tanto filia sujeitos e conhecimentos quanto abre a possibilidade de que se opere uma ruptura a respeito de si mesmo. A impossibilidade de resolver numa síntese totalizadora os vetores repetição e diferença faz, precisamente, da educação uma empresa impossível.

Discurso que nos leva a pensar o quanto vale pagar por uma prática pedagógica que oscila entre os ideais de liberdade e formação crítica; e se ancora numa disciplina herdada da educação tradicional. Se o autoritarismo abre lugar para insegurança, a liberdade camuflada também é capaz de aniquilar a atividade criativa (MANNONI, 1977).

Na fala de Mannoni (1977, p.67):

A instituição escolar substitui a instituição familiar, a coerção é aí reforçada e as dificuldades da criança são, por isso mesmo agravadas. Nesse contexto, verifica-se que o ensino é uma empresa impossível e a educação cede o passo a uma multiplicação de técnicas que se poderia tachar de *sugestão*.

A psicanálise, desde sua criação, não se atém ao eu, aos diagnósticos, nem tampouco ao comportamento, antes quer ouvir, dar vazão ao sujeito que



não tem idade, que não se prende às estruturas institucionais, regras sociais e a sua maneira de satisfação pouco se alinha com manuais de boa conduta. Desse modo, a atividade prazerosa para a criança sempre ameaçará o adulto que prioriza no processo educativo a obediência, e pior ameaçará por tocar nas suas resistências inconscientes.

Ponto importante que coaduna com o despreparo da escola diante daquilo que consideram indisciplina, patologias ou simplesmente desconhecem o que pode um corpo pulsional (CARNEIRO, 2020). A maneira como o educador desenvolve suas ações e sua disciplina escolar não garante a linearidade e a racionalidade que o discurso da pedagógico nutre. Aliás, vem acentuar que ao endereçar sua fala à criança, o adulto não procura outra coisa, senão a sua própria satisfação narcísica (LAJONQUIÈRE, 2002).

Considerações Finais

Ressaltamos que o objeto de estudo deste trabalho foi abranger uma reflexão acerca da educação impossível proferida por Freud e trazer alguns apontamentos que nos colocam diante de indicadores constituintes do sistema psíquico delineado pelo autor. Mais notadamente, o quanto é necessário que o processo educativo esteja orientado para que propicie uma escuta sobre quais recursos psíquicos são convocados pelo sujeito para que ele de fato consiga suportar o processo de castração.

Nessa perspectiva, percebe-se que o discurso pedagógico nutre a ideia de que cabe à educação formar o indivíduo para autonomia, e, no entanto, o contexto educacional conserva práticas alienantes que se naturalizam e, em seu cotidiano fazem discípulos a imagem e semelhança do sistema hegemônico. Nessa esteira, podemos apontar que a fronteira entre o educar e o psicanalisar na obra freudiana está, primeiramente quando para se obter uma opinião acerca do assunto o autor deve-se notar o deslocamento que a educação sofre ao longo de sua obra.

Ao denunciar a educação moralizante, Freud aproxima a educação às práticas civilizatórias e, no percurso sua escuta se aproxima da educação escolar, a qual o autor reverbera sobre a condução daqueles que se ocupam



da tarefa de educar. Para o autor, a escuta da singularidade era capaz de abrir alas para uma percepção genuína do fazer educativo, estabelecendo no ambiente escolar um espaço de aproximação em que o acolher, o cuidar, o envolver se emaranhem em novas formas de aprendizagem e resultem numa nova forma de viver.

Em suma, apesar de existirem algumas divergências entre psicanálise e educação, trata-se de uma pesquisa relevante, uma vez que Freud, através da sua teoria, mudou a maneira com a qual enxergamos o mundo quando nos trouxe a ideia do inconsciente e apontou que as relações sociais e suas normas severas reprimem a sexualidade, suprimem a desobediência, mas paga o preço de sucumbir a atividade intelectual ou desviar seus fins.

Referências

CABRAL, S.V (2001) **Psicomotricidade Relacional: prática clínica e escolar**. Editora Revinter Ltda. Rio de Janeiro.

CARNEIRO, C. Por que esta criança não para quieta? Mal-estar de professores ante o corpo pulsional. IN:VOLTOLINI, R; GURSKI, R. **Retratos da Pesquisa em Psicanálise e Educação**. Coleção Psicanálise e Educação. São Paulo: Contracorrente Editora. 2020.

DUNKER, C. **Paixão da Ignorância**: a escuta entre psicanálise e educação. Coleção Educação e Psicanálise. v.0. São Paulo: Editora Contracorrente. 2020.

FREUD, S. Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros Trabalhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago. [1910] 1996.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago. [1914] 1996.

FREUD, S. O Interesse Educacional da Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago. [1914]1996.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a Análise do Ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. [1921] 1996.

FREUD, S. Prefácio à Juventude Abandonada de August Aichhorn. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago. [1925] 1996.



FREUD, S. Conferências XXXIV, Explicações, Aplicações e orientações In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago. [1933d] 1996.

KUPFER, M.C. **Freud e a Educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione. 1989.

LAJONQUIÈRE, L.de. **Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica**: escritos em psicanálise e educação. 3ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2002.

MANNONI, M. **Educação do Impossível**; com a colaboração de Simone Benhaim Robert Lefort e um grupo de estudantes; tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, F. Alves. 1977.

MILLOT, C. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 1987.

PEREIRA, M. R. **Os profissionais do Impossível**. *Educação&Realidade*. Porto Alegre. v.38.n.2.2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n2/v38n2a08.pdf> Acesso em 26/09/2019.

RAVIZZINI, S. Presságios da letra de uma carta de amor. Fractal: **Revista de Psicologia**. Niterói. Rio de Janeiro. p. 298 – 305. vol.32. 2020.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Sobre os Autores

Alessandra Lopes da Silva Macedo

alemacedo17@yahoo.com.br

Possui graduação em Psicologia pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus (2016-2020) e graduação em Letras pela Fundação Universidade de Itaúna (2001-2004). Mestre pelo do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/CEUNES)

Regina Celia Mendes Senatore

rcsenatore@gmail.com

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1994), mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). É professora Associada III do Departamento de Educação e Ciências Humanas (DECH) do Ceunes da Universidade Federal do Espírito Santo.

